

Corpo e Comunicação: um estudo sobre performatividade(s) ¹

Thais Ortega Pichinin²

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) SP

RESUMO: Através da revisão de autores e conceitos que abordam a temática comunicação, corpo e performatividade, temos como objetivo compreender o corpo como forma de comunicação, como um processo epistêmico que se caracteriza por uma perspectiva comunicacional. Nos apoiando em Butler, expomos os conceitos de performatividade e performatividade de assembleia visando compreender a relevância da visibilidade dos corpos, e como esses podem ser observados nos corpos presentes nas mídias.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; comunicação; performatividade; performatividade de assembleia; visibilidade.

Vivemos hoje em uma sociedade repleta de imagens e informações, para onde olhamos somos inundados por propagandas, avisos, prédios, construções, carros e corpos, muitos corpos. Todos esses elementos são extremamente relevantes para a compreensão da nossa sociedade e assim também para as pesquisas e compreensões de fenômenos comunicacionais, afinal consumimos diariamente todas essas informações e imagens.

Braga (2011) nos apresenta alguns pontos da constituição do campo dos estudos da comunicação e como compreender o nosso objeto de estudo, nos apresentando que devemos compreender nosso objeto como um processo epistêmico comunicacional, ou seja, evidenciar os processos que o distinguem como tal. Com base nesses apontamentos, e refletindo o corpo, definimos assim o objetivo desse trabalho: compreender o corpo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, performances e corporalidades, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Bacharela em Administração pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM com bolsa CAPES Integral e Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM com bolsa CNPq. São Paulo, Brasil. Contato: <thais.pichinin@acad.espm.br>

como um processo epistêmico que se caracteriza por uma perspectiva comunicacional, ou seja, como uma forma de comunicação que comunica muito além do indivíduo, mas também todo o seu arredor.

Pretendemos fazer essa compreensão através da revisão de autores e conceitos que abordam a temática, corpo, comunicação e discursos. Visamos compreender o corpo como processo comunicacional tanto da identidade individual, nos baseando nos conceitos de Butler (2016), quanto de uma relevância da visibilidade do corpo no social, através dos apontamentos sobre performatividade de assembleia também de Butler (2019).

Iniciemos observando que o corpo é repleto de complexidades, e que, muito além de suas funções fisiológicas, assim, o compreendemos como forma de expressão, representação, espaço de união, de rebeldia, de disputa, ou seja, o compreendemos como uma forma e espaço de comunicação.

Pross (1971) apresenta que o corpo é nossa mídia-primária, como pode ser observado em um estudo de Baitello (1998), no qual o autor se baseia no conceito de Harry Pross e o ilustra com um bebê, que mesmo sem saber falar sabe comunicar suas necessidades básicas que o mantêm vivo, tais como a necessidade de se alimentar, de que está com dor, sono ou até mesmo que sua roupa precisa ser trocada. A criança utiliza do choro, dá risada para expressar o que está sentindo, através do seu corpo os discursos são performados e ele consegue se comunicar com seus cuidadores. O mesmo acontece com os seres humanos adultos, assim como os bebês, nós também utilizamos do nosso corpo para comunicar, e existem padrões que auxiliam essa comunicação, e esses são validados socialmente.

Como nos apresenta Hoff e De Melo Rocha (2013), vivemos em uma sociedade globalizada que nos trouxe novas formas de experimentar e representar o mundo, vivenciadas pelas novas formas de experiências sensoriais e sensíveis que a modernidade nos possibilitou.

Ao nos apresentarem as compreensões sobre as cidades, as autoras nos apresentam que “A cidade concretiza a visão de mundo e o universo cultural dos homens que a edificaram e que, ao longo do tempo, continuam reformulando-a, ampliando-a, transformando-a.” (Hoff, De Mello Rocha, 2013, p.127) e dessa forma também podemos pensar os corpos. Ou seja, assim como as cidades, os corpos também materializam a

compreensão de mundo dos seres humanos e seu universo cultural, além de também representar suas transformações e reformulações.

Da mesma maneira que as cidades têm essa visão de mundo expressa pela sua concretude, os corpos carregam esses significados pela sua performatividade, ou seja, pelos discursos que se fazem contínuos em suas representações.

Através do nosso corpo, somos capazes de expressar quem somos, mas, além disso também carregamos os valores de uma sociedade e de uma época. Assim, podemos observar que temos a comunicação dos corpos como uma representação individual das performatividades (Butler, 2016), mas também uma representação coletiva, tais como a performatividade de assembleia (Butler, 2019).

Antes de adentrarmos nas questões de performatividades, ambas apresentadas por Butler, temos que compreender que a comunicação do corpo se dá de forma discursiva, através dos discursos presentes em suas representações.

Ao compreendermos o corpo como forma de discurso, estamos buscando entender os signos representados nesse corpo e suas articulações ideológicas. É válido ressaltar que entendemos que nossos corpos se comunicam por palavras, mas, muito além disso, há também uma comunicação corporal além das falas.

Comecei sugerindo que o poder performativo do povo não se fia primeiramente em palavras. A assembleia só faz sentido se os corpos podem se reunir, e se reúnem, de algum modo, e então os atos de fala que desdobram daí articulam alguma coisa que já está acontecendo no nível do corpo plural. Mas vamos lembrar que a vocalização também é um ato corporal, como é a linguagem de sinais, e isso dignifica que não existe fala sem que o corpo signifique alguma coisa, e algumas vezes o corpo significa alguma coisa bastante diferente do que uma pessoa realmente diz” (Butler, 2019, p. 191)

Ou seja, há sim uma comunicação verbal, e esta é sim muito relevante, mas temos que ressaltar que a nossa comunicação não se restringe a essa única forma, e sim, que nosso corpo tem uma complexidade em como se expressar, que pode ser por gestos, até mesmo a linguagem de sinais como a autora cita, mas também pode ser pela expressão facial, pelos seus movimentos ou até mesmo pelos acessórios que usamos, tais como nossas roupas, ou seja, há uma comunicação pela forma que performamos nosso corpo perante os outros e a sociedade. Conseguimos nos comunicar sem a fala, mas sem o corpo não existe comunicação.

Ao pensar as questões de gênero, podemos pensar o conceito de performatividade apresentado por Butler (2016), que consiste em entender que o gênero não se trata

unicamente de uma construção social ou biológica, mas sim, uma construção contínua de valores simbólicos que se comunicam com os valores da sociedade.

Ao utilizar o termo performatividade, não estamos apenas performando, mas também comunicando uma mensagem e valores simbólicos, construindo a nossa performatividade de gênero.

Assim, como Butler (2016) nos apresenta, não acreditamos que performamos, no sentido de representar, atuar um gênero, na verdade, acreditamos que ao performarmos estamos criando uma identidade com nosso gênero e que nos assemelhamos com nossos semelhantes. Dessa forma, as nossas escolhas diárias fazem com que comuniquemos um gênero, ou seja, nossos atos contínuos, que fazemos de forma repetida e que vão se tornando naturais, vão construindo e comunicando nossa identidade de gênero, muito além da nossa biologia.

Como vimos acima, o corpo comunica quem somos, nossa identidade individual, mesmo que construída socialmente, mas não podemos esquecer que ele também pertence ao social, ao coletivo e representa e comunica a sociedade. Dessa forma, também podemos refletir sobre uma performatividade coletiva, que Butler (2019) nos apresenta como performatividade de assembleia.

A autora inicia seus pensamentos por meio da observação da reunião de pessoas em manifestações, greves, assembleia e assim nos apresenta que, além da rejeição da precariedade, o que aqueles corpos buscam é também a reivindicação por reconhecimento, ou seja, por visibilidade.

Muito além de uma reivindicação de seus direitos, tais como moradia, alimento, saúde, que demonstram uma rejeição a precariedade pública, quando os corpos se reúnem eles também buscam pelo direito a aparecer, de ser reconhecido como seres humanos e dignos de uma vida, nesse momento muito além de comunicarem as suas insatisfações eles também comunicam o seu direito a vida, uma busca por um espaço a serem vistos e considerados pela sociedade. Como pode ser reforçado nesse trecho:

Por que quando corpos se unem como o fazem para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida. ” (Butler, 2019, p. 33)

Dessa forma, fica claro a reivindicação por visibilidade por esses corpos, da necessidade de ter uma vida que possa realmente ser vivida e com seus direitos reconhecidos, pois quando uma vida não é conhecida, ela acaba tendo seus direitos inviabilizados, ou seja, quem não tem visibilidade acaba tendo sua vida desconsiderada, anulada.

Então podemos refletir sobre quais corpos estão tendo visibilidade ou não, e a relevância em se ter essa visibilidade, pois os corpos que não o têm são corpos dos quais a vida não é reconhecida. Nesse ponto, podemos lembrar o conceito de corpo-mídia de Hoff e Camargo (2007), no qual nos expõem que todo corpo presente na mídia é um corpo político e que este representa o belo e desejável. Dessa forma, podemos refletir sobre a relevância de se ter uma diversidade nos corpos que compõem a mídia, em anúncios, capas de revistas, novelas, jornais e como esses corpos vêm aparecendo, com quais discursos.

Assim, podemos observar, como foi dito no início, que os corpos, assim como as cidades, se materializam pela sua visibilidade e vice-versa. Dessa forma quando Butler observa que os grupos se reúnem para reivindicar por esse reconhecimento e compreendemos a relevância desse, podemos afirmar que eles buscam por visibilidade, por uma materialização, ou seja, pelo direito de existir, na realidade eles reivindicam pelo direito ter uma vida vivível, de terem suas vidas reconhecidas socialmente. Reivindicam por mudanças nas normas que ditam quem e de que forma os corpos vão aparecer.

Dessa forma podemos compreender que através da performatividade dos corpos é possível buscar movência nos discursos neles inscritos, ou seja, os corpos são carregados de discursos que tanto nos apresentam quem somos para sociedade, nossa identidade, mas também tem uma interação comunicacional com a sociedade, com valor de reivindicação e luta pelo direito de existir, de ter visibilidade, de ser considerado.

Referências

- BAITELLO, N. (1998). Comunicação, mídia e cultura. São Paulo em perspectiva, 12(4): 11-16.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. Verso e reverso, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"**. n-1 edições, 2019.

HOFF, Tânia Márcia Cezar; CAMARGO, Francisco Carlos. **Corpo-Mídia: corpo disciplinado. Vol. 7–nº 1–1º semestre 2007–ISSN 1676-3475**, p. 21, 2007.

HOFF, Tania Marcia Cezar; DE MELO ROCHA, Rose. **Corpo-mídia e cidade-mídia como instâncias comunicacionais: consumo, imagens e identidade. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 10, n. 18, 2013.

PROSS, H. (1971). *Medienforschung (Investigação da mídia)*. Darmstadt: Carl Habel.